

Suplemento Cultural

Manoel de Barros investiga os mistérios do mundo

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Manoel de Barros iria completar noventa e oito anos de inteligência, humor, integração com a natureza, sem perder o sentido da inocência. No dia 13 de novembro, tão suave como o voar dos passarinhos que tanto amava, foi habitar as planícies celestiais onde a poesia tem status de leveza.

Parti de versos do poema 'A Máquina do Mundo' de Carlos Drummond de Andrade para tentar penetrar na essência de sua poesia:

"Olha, repara, ausculta essa riqueza sobranceira a cada pérola, essa ciência sublime, formidável mas hermética, essa total explicação da vida, esse nexos primeiro e singular que nem concebes mais pois tão esquivo."

A poética de Manoel de Barros investiga os mistérios do mundo. Indaga o porquê das coisas, tenta desvendar a mecânica dos movimentos, que regem o universo, busca penetrar no hermetismo de uma ciência sublime, poderosa, mas incapaz de satisfazer as ânsias do coração. Para decifrá-la, apropria-se da sabedoria da infância, reassume o olhar de criança, certo de que apenas a inocência pode desvendar a razão de tantas contradições. A desigualdade imposta por algumas classes sobre as outras queimam a pele como fogo. A mesquinhez dos gestos e das palavras, o horror à bomba, atingem o mais fundo da sensibilidade de quem foi criado na largueza do Pantanal, "de rios inventados e bem-tervis pendurados no sol."

Homem culto, versado em ciências, filosofia, literatura, amante das artes, ima-



MANOEL DE BARROS. Com o medalhão da ASL e seu peculiar sorriso de poeta genial

gina escondidos nos meandros do passado as soluções para tantos insolúveis teoremas. Como Proust, busca no fio das lembranças a solução para os enigmas que o atormentam:

"Sou um sujeito cheio de recantos
Os desvãos me constam
Tem hora leio avencas
Tem hora Proust
Ouço aves e Beethovens
Gosto de Bola Sete e Charles Chaplin.
O dia vai morrer aberto em mim."
(Livro Sobre o Nada)

Extremamente ligado à família, aos avós, aos pais, às paisagens do Pantanal, nas quais se acostumou a "enxergar nos olhos da garça os perfumes do sol", pelo poder da memória involuntária, junta ciscos (que para ele têm a importância de uma catedral),

“

Para atingir o caroço das coisas, Manoel de Barros desconstrói as palavras, dissecas-lhes as vísceras até concluir que o homem precisa apropriar-se da sabedoria da natureza para conseguir ampliar e definir os limites do conhecimento”

barbantes, bêbados, loucos de estrada, como Bola Sete e Chaplin, para através da insignificância dar unidade à existência fragmentada. Criado no mato, aprendeu a gostar das "coisinhas do chão". Mais que paisagem, o Pantanal é para ele um estado de espírito, ente mitológico que o fita e determina a universalidade de suas criações. Lembranças de brinquedos, aves, árvores, rãs, pedras, lagartixas e caracóis transformam-se em elementos simbólicos, iluminados e revividos à luz do presente.

Dotado de discurso único e intraduzível, explora todas as potencialidades da linguagem numa busca revestida de sentido ético e revolucionário, que choca os desavisados, como se colocados na escuridão de uma mina, precisassem de tempo e reflexão para analisar suas próprias percepções. Não precisa inventar

metáforas nem imagens. Elas invadem-no, fazem-lhe cócegas, obrigam-no a transcrevê-las.

A linguagem refaz o inventário de tudo o que dá sentido à vida. A memória é a guardiã das indagações do poeta, que caminha para trás, prefere os avessos e, para atingir a escuridão, caminha por clarezas, precisa adoecer as palavras, para que sirvam ao poema.

"Agora só espero a despalavra: a palavra nascida

Para o canto-desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga,
Quero o som gotejante das violas de cocho" (Retrato do Artista quando Coisa)

Por vezes assume o tom de um penitente, consciente da inutilidade da grandeza humana, pronto para a viagem final:

"Me acho como aqueles des-heróis de Callais que Rodin esculpiu: nus de seus orgulhos e de suas esperanças. Só de camisolões e cordas no pescoço. Pesados de silêncio e da tarefa de morrer".
"Morrer é uma coisa indestrutível" (Retrato do Artista quando Coisa)

Para atingir o caroço das coisas, desconstrói as palavras, dissecas-lhes as vísceras até concluir que o homem precisa apropriar-se da sabedoria da natureza para conseguir ampliar e definir os limites do conhecimento.

"Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta -

Seria com certeza um mundo livre aos poemas.

A sabedoria não está nos livros, mas na natureza.

Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens,

Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas" (Ensaio fotográficos)

A consciência do fim torna mais aguda a certeza da inutilidade de tudo que o mundo venera e considera fundamental. "Quando o mundo abandonar o meu olho, que hei de fazer?" A única salvação consiste em integrar-se à natureza, desaprender, atingir o "criaçamento" das palavras", "aprender a divinar" como os sabiás.

Diante da máquina do mundo o poeta sorri. O olhar cheio de sol desvia-se esquivo da solenidade do universo. Como Manoel Bandeira, de quem se sentia irmão, quanto mais o vento "varre tudo" mais a vida do poeta "fica mais cheia de tudo".

A riqueza poética de Manoel de Barros tem sido explorada continuamente. No panorama da literatura sul-mato-grossense e brasileira ele repete a lição de Baudelaire, que ousou anular tudo o que havia sido criado para reexaminar e recompor novas formas de linguagens.

Impossível escapar ao seu envolvimento. A alteração do código, que provoca o estranhamento inicial, instiga o leitor a novas descobertas, estimula-o à excitante e bem humorada viagem a mundos impossíveis de onde regressa com os sentidos muito mais apurados e abertos à apreensão dos mistérios da existência.

Sua poesia desafia os mistérios do tempo, do som e do sonho.

POESIA

VOO EM DESASAS AZUIS

(Para o poeta Manoel de Barros
- in memoriam)

Com pena de cipó, tinta de amora,
- O mistério do chão como papel -
Rabisco este soneto que ignora
Sábias ignoranças de um Manoel

De Água e Chão... Voo-vivo, num vergel,
O ser-pássaro-azul não foi embora:
Cá ficou, na poesia de bom mel,
Qual caramujo a dessalgar memória!

- Verei teu riso no falar dos bichos,
Tua voz nos silêncios dos corixos,
Tua imagem no clamor de vagos ninhos...

E eis que voltas ao chão dos pantanais,
Mas nas Letras te avivas ainda mais,
Como estrela a guiar nossos caminhos!...

Campo Grande-MS, 15/11/2014

GERALDO RAMON PEREIRA

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICO RENATO TONIASO PROFERIRÁ PALESTRA NO PRÓXIMO CHÁ ACADÊMICO - A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a ACP, convida para o 'Chá Acadêmico' a realizar-se na próxima quinta-feira (27/11), às 19h30min, na Rua 7 de Setembro, subseqüina com a Rui Barbosa (sede da ACP). O acadêmico Renato Toniaso proferirá concisa palestra sobre o renomado escritor gaúcho Érico Veríssimo. Acadêmicos e amigos da Academia estão convidados.

Descanse na paz da poesia, Manoel de Barros

RUBENIO MARCELO

Ele renegou a mesmice e a tradição, desconstruiu o lugar-comum na edificação poética, rompeu habituais conceitos, 'voou fora da asa', celebrou o potencial das 'coisas desimportantes' ("pertencidas de abandono") e buscou o legítimo 'criaçamento das palavras'... Assim, mencionando "renovar o homem usando borboletas", ele inseriu - com a naturalidade do seu estilo e estilo ímpar - uma linguagem nova/reinventada (deveras diferenciada) e um pendur estético marcante e aplaudido por (quase) todos. Assim, ao longo de sua vida, recebeu inúmeras homenagens e justas premiações literárias (inclusive dois 'Prêmios Jabutis').

A obra completa de Manoel de Barros é digna de destaque e deveras significativa, por isto tem sido tema de estudos literários nacionais e também objeto de teses, ensaios, filmes, vídeos etc. Desde o seu primeiro livro ("Poemas concebidos sem pecado", de 1937), Manoel já demonstrava uma poética irreverente e instigante, caracterizada pelo incomum trato das palavras. Tenho na minha pequena biblioteca (e tenho lido) quase toda a sua obra - e tenho predileção por

'Livro de pré-coisas' (de 1985), 'O Livro das Ignoranças' (de 1993) e 'Livro sobre nada' (1996), livros emblemáticos (a meu ver), que devem ser lidos e relidos. Dos mais recentes, gosto muito de 'Poemas rupestres' (2004), 'Menino do Mato' (2010) e 'Escritos em verbal de ave' (2011). Mas repito: toda a obra manoelina deve ser apreciada sem moderação.

É grandiosa a importância de Manoel de Barros para a nossa Literatura. E não por acaso, ele foi/é (e será sempre) aclamado como um dos maiores expoentes da lírica nacional. Já na década de 1980, Carlos Drummond de Andrade o considerou 'o maior poeta brasileiro vivo'. Enfim, a sua obra - como bem asseverou Millôr Fernandes - "é única, inaugural, apogeu do chão".

Tenho cerca de uma dezena de poemas dedicados ao (já saudoso confrade) Manoel de Barros. E no meu livro mais recente ("Veleiros da Essência", 2014) publiquei dois destes: 'De onde vem a poesia' e 'Celebrações' - o primeiro é um metapoema inspirado em momento reflexivo ao lado do poeta; e o segundo foi uma homenagem que a ele escrevi no dia do seu aniversário no ano passado (19/12/2013) - é este a seguir:

CELEBRAÇÕES*

Aos resolutos voos de um impulso azul,

os segredos dos horizontes
buscam as escadarias tatuadas
pelas vibrações da essência...
Um pendão de silêncio perfumador de visões
desenvolve o final da tarde...
Indiferentes ao teorema rudimentar do tempo,
caramujos e rãs
velam os recipientes das nuvens,
regam as estrelas com a seiva das avencas
e reinventam dádivas indormidas
ante o estado de infinito
dos enigmas espelhados no colo da noite...
Das varandas da madrugada
a lua desconhece edifícios e vitrais
e aos poucos dá lugar aos lírios...
Em seus destinos e acenos,
pássaros, pedras,
árvores, ventos, bichos e águas
celebram liberdade com borboletas
que rendilham o alvorecer
e restauram trilhas humanas...
Do chão festivo
brota uma harpa em timbre de poesia,
reinaugurando o enlevo e anunciando o dia...
- Teu dia, poeta.

*Ao poeta Manoel de Barros no seu aniversário.

Manoel (Nobel) de Barros*

HERMANO MELO

Jornalista e escritor, membro da ASL

Conforme amplamente noticiado pela mídia local e regional, o nome do poeta Manoel de Barros, que nasceu em Cuiabá (MT) em 19/12/1916, viveu em Corumbá e reside em Campo Grande, MS, com vários prêmios literários, inclusive dois Jabutis, consta de lista interna da União Brasileira de Escritores (UBE) como um dos possíveis indicados para a Real Academia Sueca, a fim de concorrer ao prêmio Nobel de Literatura de 2013. Obra mais conhecida: "Livro sobre nada" (1996). Em âmbito nacional, além dele, constam da lista os escritores Ferreira Gullar e Nélide Piñon. O Nobel de Literatura é um prêmio literário concedido pela Suécia, desde 1901, e anunciado em outubro de cada ano.

Sobre a obra do poeta, em entrevista a "Ensaio Geral", o escritor e professor de literatura Henrique Pimenta,

com tese de mestrado sobre a poesia de Manoel de Barros, diz: "Acho que Manoel não merece um só Nobel. Pela qualidade estética de sua obra, mereceria no mínimo uns dois ou três". E explica: "A poesia de Manoel é permeada de profundo lirismo, mas há bastante informação e recursos modernos e contemporâneos: a metalinguagem, o intertexto, o diálogo específico com as artes plásticas e visuais, o trabalho meticuloso com metáforas, o verso livre com ritmo bem demarcado, o humor, a fantasia onírica, a orgia genésica. Obra densa em qualidade e quantidade, trabalho de anos a fio. Até ele ser reconhecido nacionalmente, suou pra caramba. É um herói da poesia".

Manoel e o Nobel

Recursos de estesia e beleléu,
Delírios, concisão, maravilhosos
Trabalho de artesão no seu papel,
Nos livros, poesia como gozo...

Precisa de Nobel, o Manoel
De Barros?, Pergunto-me duvidoso.
De acordo com o que leio no seu céu,

Suspeito que precise do famoso

Nobel. Por precisão? Merecimento?
Não sei se ele precisa, se ele sente,
Devido ao que já é, a seu momento

No ponto culminante, reluzente.
Não cabe, nem Nobel tem cabimento,
Basta-lhe a lucidez de sol demente.
(Autor: Henrique Pimenta)

E os outros candidatos? Descendente de espanhóis, Nélide Piñon nasceu no Rio de Janeiro em 1937 e formou-se em Jornalismo pela PUC-RJ. Trabalhou em jornais e revistas, escreve contos, resenhas e artigos, mas se destaca como romancista. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais: Jabuti (2) (2005); Príncipe das Astúrias (2005), Menéndez Pelayo (2003), etc. Obra: "Vozes do Deserto" (2004). Foi a primeira mulher eleita presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1996. É páreo duro para Manoel. Outro páreo duro é Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, que nasceu em São Luiz do Maranhão, em 10 de setembro

de 1930. Ele é poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro, e um dos fundadores do neconcretismo. Mora no Rio de Janeiro. Ganhador, dentre outros, os prêmios Molière e Saci em 1966, Prêmio Jabuti, em 2007 e 2011, e o Prêmio Camões em 2010. Obra que se destaca: "Em alguma parte alguma" (2010).

Agora só resta esperar e torcer para que o poeta Manoel de Barros seja escolhido para concorrer ao Nobel de Literatura deste ano. Como diz o jornalista Bosco Martins: "Sua poesia tem tudo a ver com o Nobel, pois tem muita paz e luz em tudo o que escreveu em sua obra poética. (...) Em sua obra originalíssima no universo literário mundial, a poesia está sempre recorrente, de seres amiúdes...". Mas se não der para abiscoitar o prêmio, o mundo continua a se encantar com seus trocadilhos poéticos: "Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei". Boa Sorte, Manoel.

*Artigo publicado no jornal Correio do Estado em 03/02/2013.